

Professor defende socialização dos recursos do país

(Não Assinado)

Com a fala pausada de quem pensa no que vai falar e adepto à política de socialização dos recursos do país, o professor Ladislau Dowbor falou com exclusividade ao Cruzeiro do Sul sobre formas de resgatar o aspecto social na sociedade brasileira e como isto é influenciado pelo governo dos Estados Unidos da América, a maior potência do mundo. Consultor da Nações Unidas no Brasil, ele mostra que a fala mansa não o impede de ser enfático e de ter posição fortemente marcada contra o sistema de capital especulativo e de vantagens tiradas sobre a administração de recursos públicos. Dowbor é formado em economia política pela Universidade de Lausanne, Suíça; Doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia (1976).

Classificando como bandidagem financeira o sistema financeiro e a origem da crise econômica mundial, ele afirma que na ordem do dia deve estar o resgate do histórico de desigualdades sociais colecionadas não só no Brasil como também em outras partes do mundo e, principalmente, nos Estados Unidos. Confira abaixo, na íntegra, a conversa do professor com a equipe do Cruzeiro do Sul. Ele esteve na cidade no início do mês palestrando sobre formas de diminuir os abismos sociais do país. A realização do evento foi do Conselho Regional de Serviço Social (Cress) em comemoração pelo Dia do Assistente Social.

Cruzeiro do Sul: Qual é o choque de gestão que o Brasil precisa ter para resolver a questão da desigualdade e de outros problemas como a corrupção e a descrença do povo na política?

Ladislau Dowbor: São problemas de níveis bastante diferentes. O principal problema é a desigualdade. Nós temos hoje o Brasil como modelo. A partir de 2003 tivemos um aumento do salário mínimo bastante forte. São 53% em termos reais. As pessoas mais ricas não se dão conta pois para eles um pouco a mais não faz diferença. Agora, para quem está lá em baixo, faz a diferença entre alimentar melhor os seus filhos ou não. Então, o salário mínimo aumentado atinge 26 milhões de pessoas, o que é muita gente. Nós tivemos um aumento de empregos de pouco mais de 10 milhões de pessoas, coisa que está sendo ameaçada com a crise. O bolsa família é um projeto que está atraindo imensa atenção mundial pela questão humanitária e atinge o quarto mundo. São cerca de 50 milhões de pessoas que vivem na miséria. É um investimento e não nenhum assistencialismo como algumas pessoas têm falado. Em termos econômicos é um investimento, pois crianças melhor alimentadas hoje estudam melhor e é um futuro melhor para o país. Se você soma o bolsa família, o salário mínimo e os aposentados - que também melhoraram com o aumento do salário mínimo -, soma também o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), os empregos... tudo isto aí mostra que pela primeira vez está chovendo um pouco no quintal do pobre. Isto explica a reeleição do presidente Lula. É um conjunto de políticas que convergem para a redução das desigualdades.

CS: Então o senhor acha que o governo Lula tem conseguido reduzir as desigualdades sociais?

LD: Isto é indiscutível. Todas as pesquisas que nós temos em plano internacional, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), a Fundação Getúlio Vargas (FGV) confirmam isto. Qualquer entrevista que se fizer com empresas de marketing que pesquisam a capacidade de consumo das pessoas, todas elas estão sabendo que cerca de 20 milhões de pessoas migraram das classes mais baixas para cima e se ampliaram as dimensões da classe média. Os efeitos são reais, mas têm que ser vistos com o pano de fundo da herança. Nós somos, com a África do Sul que está saindo de uma quase semi-escravidão, Nepal e como algumas outras economias mais, nós estamos na pré-história do social. Quando você vai para São Paulo você vê o luxo de um Alphaville e o próprio pessoal que mora em volta se chama de alphavela. Alphaville e alphavela é Casa Grande e Senzala. Nesses anos do governo Lula é a primeira vez que se faz distribuição de renda no país, mas a desigualdade é tão grande que tudo isto é ainda muito pouco. Nós temos que avançar incomparavelmente mais para ter uma sociedade minimamente mais.

CS: O que o senhor acha sobre a taxação da poupança? É mais uma ação social para evitar a exploração do capital? Como o senhor vê esta medida?

LD: Se trata mais de uma medida de proteção contra a crise. Nós tínhamos uma taxa Selic muito elevada e os capitais internacionais, com a crise nos outros países estão olhando para cá, para o Brasil. São capitais especulativos como fundo de pensão e outros. Eles investiam bastante em títulos do governo através dos nossos bancos e eram remunerados pela taxa Selic e o governo vai baixando a taxa Selic pois não nos interessa este capital. Nos interessa capital que entra para investir, ser útil para economia e gerar emprego. Não nos interessa o especulador que ganha dinheiro com dinheiro e não produz um parafuso. Leva o dinheiro embora e provocam crises. Este tipo de bandidagem financeira não nos interessa. Conforme a Taxa Selic vai baixando, se tem uma inflação de 4% a 5% (a remuneração) se aproxima da poupança. Se a poupança remunerar mais do que Taxa Selic, vamos ter um monte de capitais internacionais investindo na poupança para ganhar dinheiro sem fazer nada. Lá fora estão pagando 0,5% ao ano, uma merreca. Então, estão

querendo migrar para cá e são capazes de inundar a poupança para serem remunerados pelo governo sob este tipo de especulação. Quando você limita isto a R\$ 50 mil, na prática, mantém uma remuneração decente para aqueles que fazem sua poupança para poder comprar sua casa própria ou em sentido mais amplo, e ao mesmo tempo dificulta-se a entrada de capitais especulativos que poderiam desequilibrar o sistema.

CS: Como o senhor acha que será o efeito Obama nos Estados Unidos?

LD: O processo eleitoral dos Estados Unidos estava equilibrado e a crise, mostrando o absurdo das propostas dos conservadores da direita, gerou uma migração forte de votos para o Obama. Só de ter tirado o Bush e companhia, a máfia que estava no poder nos Estados Unidos já é um efeito positivo. Agora, num país com as dimensões dos Estados Unidos, não é apenas uma pessoa que determina os rumos.

Os governos de direita reduziram os impostos. Todo mundo bate palmas quando se reduz impostos, mas reduz os impostos dos ricos e acabam privando do acesso dos pobres a uma série de bens que são necessários. Ao mesmo tempo abriu-se duas frentes de guerra: no Iraque e Afeganistão. Reduzir impostos é uma excelente medida demagógica, dá ibope. Mas se, ao mesmo tempo, abre-se um monte de despesas com a guerra, abre-se um enorme buraco no orçamento. Com os bancos em quebras porque se meteram em sistema de especulação irresponsável, o governo está tendo que passar US\$ 1,4 trilhão para os bancos, o que gera outro buraco no orçamento do governo. Então, os limites orçamentários do governo Obama são extremamente fortes e, ao mesmo tempo, temos interesse de setores organizados.

CS: O Obama tem muito trabalho pela frente?

LD: Tem muita coisa para consertar. Eles, nos Estados Unidos, investiram imensamente na produção de automóveis, muito mais do que a capacidade de absorção do mercado e o resultado disto é que estão tendo que subsidiar agora a General Motors e outros. O Obama tem que enfrentar a reestruturação de todo o sistema financeiro que está quebrado não só financeiramente mas moralmente também. Todos esses grandes bancos que se apresentam no Brasil com uma publicidade bonita e este papo de responsabilidade social, todos eles tinham caixa dois e negociatas com os bancos nas Ilhas Cayman e outros paraísos fiscais. Mas não são os bancos que quebram na realidade, pois o pessoal que administra isto já fez o que eles chamam de paraquedas dourado, mas sim todos os poupadores que foram convencidos pelo banco a comprarem títulos que perderam valor. São milhões de pessoas que perderam suas aposentadorias, por exemplo. O grau de revolta desta gente, nos Estados Unidos é imenso. É uma situação extremamente precária e é uma coisa muito séria. Trata-se do futuro de muitas pessoas. Ninguém tem uma bola de cristal para saber qual vai ser a profundidade desta crise mas, ao mesmo tempo representa um imenso avanço ter uma pessoa íntegra e decente como o Obama e não mais uma gangue de oportunistas como era o governo Bush junto com todas aquelas empreiteiras que estão fazendo negociatas no Iraque. Destruíram e agora estão ajudando. É bastante surrealista este negócio. Nós temos um conjunto de linhas que abrem esperança sendo que as tensões e resistências às mudanças são imensas. Com o governo Lula temos uma coisa semelhante pois com este governo tivemos o fim do processo especulativo de privatizações e das grandes mamatas e passamos para um processo redistributivo de construção de infra-estrutura e de resgates de ferrovias e da construção naval e, sobretudo, o resgate social.